

Insanidades escatológicas: Novilha vermelha, Terceiro Templo e Anticristo, o que realmente dizem as fontes históricas?

1. A Novilha Vermelha

A ideia de que a Bíblia profetiza uma "décima novilha vermelha" ligada aos acontecimentos finais é um mito moderno. Números 19 estabelece apenas o ritual de purificação mediante a novilha vermelha, sem qualquer profecia sobre uma décima, última ou escatológica novilha. A tradição rabínica posterior menciona a quantidade de novilhas utilizadas desde Moisés, especialmente na *Mishná* (*Parah* 3:5), mas essa contagem não possui caráter profético nem faz parte do texto bíblico. Da mesma forma, a associação entre a criação de uma novilha vermelha, a reconstrução do Templo e a chegada do Anticristo é uma construção escatológica recente, inexistente no judaísmo do Segundo Templo e ausente dos escritos do Novo Testamento.

2. As expectativas messiânicas no período do Judaísmo do Segundo Templo.

As fontes do judaísmo do Segundo Templo demonstram que não existia uma única expectativa messiânica entre os judeus do século I. Em Qumran, por exemplo, a Regra da Comunidade (1QS IX,11) e o Documento de Damasco (CD XII,23–XIII,1) aguardam dois Messias, um sacerdotal (de Aarão) e outro real (de Israel). A Regra Messiânica (1QSa II,11–22) descreve um banquete escatológico presidido por essas figuras. Já o Testimonia (4Q175) reúne textos sobre um profeta semelhante a Moisés (Dt 18), um Messias davídico (Nm 24:17) e um sacerdote escatológico, evidenciando expectativas múltiplas. O Livro das Parábolas de Enoque (1 Enoque 37–71) apresenta o Filho do Homem como juiz celestial preexistente, enquanto os Salmos de Salomão 17–18 esperam um rei descendente de Davi que libertaria Israel dos dominadores estrangeiros. Essas tradições mostram que o judaísmo do período não possuía uma doutrina messiânica uniforme. A rejeição de Jesus por parte de muitos judeus não decorreu da expectativa de um único "Messias diferente", mas da existência de

diversas interpretações concorrentes acerca da identidade e da missão do ungido esperado.

3. O pluralismo sectário do Judaísmo

É historicamente incorreto falar dos "judeus" como se formassem um único bloco religioso responsável pela oposição a Jesus. O judaísmo do século I era profundamente plural, composto por fariseus, saduceus, essênios, zelotes, sacerdotes do Templo, escribas, judeus da diáspora e inúmeros outros grupos menores. Os Evangelhos concentram seus debates principalmente com determinados fariseus e com parte da aristocracia sacerdotal de Jerusalém, sem transformar todo o povo judeu em um grupo homogêneo. O próprio Jesus, seus discípulos, Paulo e praticamente toda a igreja primitiva eram judeus. Generalizações desse tipo ignoram o contexto histórico e acabam produzindo uma leitura anacrônica do Novo Testamento.

4. O Anticristo

A ideia de um futuro Anticristo como um governante mundial que controlará a humanidade por meio da tecnologia não encontra respaldo direto nas Escrituras. O termo ἀντίχριστος (antíchristos) aparece exclusivamente nas epístolas joaninas: 1 João 2:18, 1 João 2:22, 1 João 4:3 e 2 João 7. Em todas essas passagens, o termo designa pessoas ou movimentos que negam que Jesus é o Cristo ou que veio em carne, jamais um governante político escatológico. O Apocalipse nunca utiliza a palavra "anticristo", referindo-se apenas ao Dragão (Ap 12), à Besta que sobe do mar (Ap 13:1–10), à Besta da terra, posteriormente identificada como Falso Profeta (Ap 13:11–18; 16:13; 19:20; 20:10). A identificação dessas figuras com um único "Anticristo" resulta de harmonizações teológicas posteriores, especialmente desenvolvidas na escatologia medieval e moderna. Da mesma forma, a exigência de um Terceiro Templo como etapa necessária do fim dos tempos não constitui uma doutrina explícita do Novo Testamento, mas tornou-se central no futurismo inaugurado por Francisco Ribera (1537–1591) e, posteriormente, difundido pelo dispensacionalismo dos séculos XIX e XX.

Referências bibliográficas

COLLINS, John J. *The Scepter and the Star: Messianism in Light of the Dead Sea Scrolls*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

CHARLESWORTH, James H. (ed.). *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1992.

VANDERKAM, James C. *The Dead Sea Scrolls Today*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

SCHIFFMAN, Lawrence H. *From Text to Tradition: A History of Second Temple and Rabbinic Judaism*. Hoboken: Ktav, 1991.

PAGELS, Elaine. *Revelations: Visions, Prophecy, and Politics in the Book of Revelation*. New York: Viking, 2012.

KOESTER, Craig R. *Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary*. Yale University Press, 2014.

MISHNAH. *Parah* 3:5.

BROWN, Raymond E. *The Epistles of John*. Anchor Yale Bible. New Haven: Yale University Press, 1982.